



Portugueses Lá Fora



Sair foi o culminar de anos de desassossego

● **Se é fã de vídeo-jogos, o título “Grand Theft Auto”,** concebido na Rockstar North, sediada em Edimburgo, deve ser-lhe familiar. Miguel Freitas, 43 anos, chegou à capital escocesa em Fevereiro de 2007, já com um vasto currículo na área de programação de jogos.

≡ Sandra Gonçalves

Sair de Portugal foi uma decisão difícil; foi o culminar de anos de desassossego, admite Miguel Freitas. A ideia já estava a ser «cozinha» há anos, apesar de estar a trabalhar em simultâneo em dois locais estáveis e «ter uma vida confortável». Ainda a frequentar o curso na FCT Nova, foi convidado para a YDreams. A par disso, trabalhava nos SMAS de Almada. Mas a perspectiva de uma vida estável não era suficiente para deixar de sonhar com outras aventuras. Aos 29 anos, surgiu a oportunidade de tirar um mestrado na Universidade Pompeu Fabra (Barcelona). Desde então, nunca mais olhou para trás.

Outra das razões para sair do país prendeu-se com o facto de ter crescido em África; o pai trabalhava na ONU — aliás, foi ele o «grande catalisador para eu sonhar mais alto». Por conseguinte, o seu lado africano, com «fome de aven-

tura», esteve sempre presente. Por isso, não é de estranhar, acentua, que ansiasse por outros desafios profissionais.

Findo o mestrado, tinha muitas incertezas em relação ao futuro. Mas assim que começou a enviar currículos, choveram propostas para entrevistas, o que lhe permitiu ter o poder de decisão. Não pensou duas vezes: Rockstar North. Entrou numa altura crítica, quando estava a ser desenvolvido o GTAIV. Como programador júnior, foi um ano árduo, de muito trabalho, até à saída do jogo, em Abril de 2008.

E porquê a Escócia? Pouco sabia sobre o país, além de que era produtor de whisky e que os homens usavam saias, diz a brincar. A decisão recaiu inteiramente na entidade empregadora. Já na altura, a Rockstar produzia os melhores jogos AAA da indústria. Apesar de lamentar a falta de Sol, estar longe da família e dos amigos, Edimburgo, para Miguel, não fica atrás das cidades que mais ama: Lisboa e Barcelona. E destaca-se pelo civismo, por os escoceses serem um «povo extremamente acolhedor e, sem

dúvida, o “Golden Liquid” (whisky) saber melhor nas Terras Altas».

Certo é que, para o programador, a Escócia, a par da Irlanda, é dos melhores sítios para viver no Reino Unido; está muito mais integrada na UE do que Inglaterra, «como se mostrou na hora de votar no Brexit». Aliás, opina, se o referendo fosse hoje, muito provavelmente os escoceses votariam em sair do Reino Unido. E se em Portugal há Sol, praias com água quente, vinho e sardinhas, na Escócia encontrou praias lindíssimas, embora com água gélida, paisagens deslumbrantes, e, incontornavelmente, bom whisky. Mas voltando a um registo mais sério, Miguel considera que ali há muito mais consciência social do que no Sul da Europa. «O governo escocês não tem medo de tomar medidas impopulares para fazer o que está correcto.»

Há mais de uma década lá fora, é com conhecimento de causa que diz que Portugal, para os escoceses, é o Algarve, o CR7 e os inúmeros jogadores que passaram por clubes de futebol da Escócia. E também o facto de Portugal ter batido a Inglaterra em algumas finais. Também nunca conheceu ninguém que falasse mal dos portugueses.

A adaptação não foi fácil. Cresceu com diferentes culturas e gentes, e, por isso, diz ter muito mais afinidade com África do que com a Europa. Não foi por acaso, acrescenta, que a primeira casa onde viveu em Edimburgo foi partilhada com um nigeriano. «Coincidência? Não me parece. Houve uma sintonia imediata»,

O que é que Portugal podia aprender com a Escócia?

● Miguel tem a percepção que na Escócia valoriza-se muito mais o profissionalismo, de tal forma que «quem for competente terá de certeza um futuro promissor, sem necessidade de recorrer a “cunhas”». Aponta o dedo às universidades portuguesas, que considera terem pouca visão e não apostarem em mais parcerias com as empresas de novas tecnologias. Muitas das disciplinas que teve em Portugal consistiam no «despejar de matéria», criticou.

ênfata. Mas o facto de ter ido trabalhar para uma multinacional, com pessoas de todo o mundo, permitiu-lhe rapidamente fazer novos amigos. «É uma indústria extremamente multicultural e cheia de gente com paixão pelos jogos.»

Actualmente, é programador sénior de jogos e especializado na área de Redes. Depois do mestrado, foi muito fácil encontrar trabalho; o mesmo aconteceu com todos do seu curso. «A Universidade Pompeu Fabra produz grandes talentos.»

Voltar a Portugal? Se conseguisse trabalhar na sua área, não hesitaria; regressaria amanhã. «As saudades apertam!» Mas a realidade, observa com tristeza, é que, profissionalmente, não faz sentido.

Entretanto, a sua percepção de Portugal melhorou muito: «Agora saboreio todos os momentos sempre que regresso de férias. Sinto saudades da língua portuguesa e das pessoas.» Depois de «dois governos catastróficos» (José Sócrates), tem esperança de que a “geringonça” consiga resolver os problemas económicos. ●